

*P. Alegre - RS*ESQUILOAS SUPPLICANTES

Tragedia

Tradução de

Prof. Napoleão Lopez Filho

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

A S S U P L I C A N T E S

S. B. A. T.

PERSONAGENS:

CÓRO

DÂNÃO

REI

GUARDAS de acompanhamento

HERALDO

SOLEDADOS

Peça liberada exclusivamente para

Das Esmémidis

e para fins de Censura. Sua apresentação em teatro, rádio, televisão, e outros meios de comunicação, exceto de pagamento previsto nos estatutos autorais.

P. Alegre, 9 de julho de 1970

C. B. A. T.

A S S U P L I C A N T E S

(Aparecem o CÓRO das Danaides, com ramos de suplicantes nas mãos, e DÂNÃO)

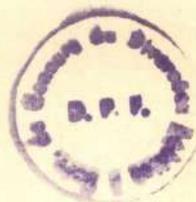
PÁRODO

CÓRO

**IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS**

Zeus, protetor dos suplicantes, nos olhe com olhos piedosos ao pisarmos terra neste porto. Fizemo-nos ao mar nas areosas bocas do Elio, e deixamos a sagrada região, vizinha da Síria. Vieram em fuga. Não é sentença popular que nos desterre, por sangue que não derramamos, fugimos, sim, dos filhos de Egito para escapar de suas abomináveis, ímpias e incestuosas núpcias. Dânao, nosso pai, tem sido nosso conselheiro e nosso guia. Ele, entre todos os males, resolveu-se pelo mais honroso, determinou que fugíssemos sem demora, cruzássemos o mar e chegássemos a esta terra de Argos, de onde descende a nossa linhagem: pois nós nos gloriamos de proceder de Épafo, concebido pelo simples tato de Zeus, por um simples sopro seu sobre a bezerrinha perseguida pelo Távão. E a qual dentre os prvos poderíamos nós chegar com ramos de suplicantes, a reverendos de lá, que em nossas mãos levamos? Oh! deuses, senhores desta cidade e de seus campos, e das claras correntezas que os regam, oh! deuses do céu e vós que ocupais as sedes subterrâneas, tremendos vingadores: e tu, Zeus, que guardas no olhar a piedade, acolhe tôdas estas mulheres que te suplicam e fazê com que as vontades lhes sejam favoráveis! Antes que o bando insolente dos filhos de Egito ponha o pé nesta arenosa praia, devolve-os ao mar a êle e a suas naves de remos. E ali pereçam assaltados pelas ondas embravescidas em desenfreada tempestade de trovões, relâmpagos e ventos, antes que se apossen das filhas do irmão de seu pai, e profanem com força ímpia os leitos que a lei lhes proíbe.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



E S T R O F E I

Vem, novilho, filho de Zeus e de nossa avó, a bezerrinha que pastava nos verdes prados a terra erva; vem, Tu, que foste concebido com o só ta-to de Zeus, com apenas um sôpro seu, cruza os mares e acode à nossa vin-gança, agora que te invocamos. Épafo! Assim te chamaram pela origem do teu nascimento. Passados os meses que pede a lei da natureza, Io te deu a luz, e teu nome confirmou a verdade da tua origem.

A N T Í S T R O F E I

Aqui, nestes prados antigamente visitados pela minha progenitora, direi e recordarei seus trabalhos e darei os sinais inequívocos da minha linhagem, os quais por certo aos habitantes desta terra parecerão inaudi-tos, porém, se me ouvirem, compreenderão por fim que digo a verdade.

E S T R O F E II

Se passar por aqui algum argivo que entenda a _____ linguagem das aves, ao ouvir nossas tristes queixas, imaginará estar ouvindo a voz da mísera esposa do pérfido Tereu, a voz de Filomela, perseguida pelo gavião.

A N T Í S T R O F E II

A qual, exilada dos campos e rios do seu bem-querer, liberta sua dor no lugar do seu desterro, e junto com êle chora a morte daquele filho que entregou a suas mãos homicidas o furor de uma mãe cruel e sem piedade.

E S T R O F E III

Assim liberto eu meãs ais!, imitando o triste canto jônico e castigando este delicado rosto, que os ares do Nilo queimaram, enquanto se afoga o meu coração ao peso de tantas lágrimas. É extrema a minha angústia. Te-mo que minha fuga daquela serena região do Egito venha provocar ainda mais a perseguição dos meus desafetos.

A N T Í S T R O F E III

Eia, pois, meus deuses lares, ouvi-me. Zelai pelos foros da justiça; não deixeis que a iniquidade se consuma, e, se é verdade que aborreceis tôda a insolência, sede justos com estas nefandas núpcias. Até o vencido na guerra, quando se acolhe aos vossos altares, encontra asilo contra a fôrça do vencedor e a majestade da vossa divina grandeza o protege.

IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS

E S T R O F E IV

Queiras Zeus, dispô-lo assim. Inescrutável é a tua vontade, oh! Zeus, mas às vezes ela resplandece no meio das densas trevas, para a negra infel-licidade da raça dos humanos.



ANTÍSTROFE IV

O que na mente Zeus tem decretado que suceda jamais se torce nem se frustra, antes chega ao seu fim por aqueles dilatados caminhos do pensamento divino, envoltos em espessas trevas, onde jamais penetra o olho humano.

ESTROFE V

Ele precipita os mortais do alto de sua perdição, desde o mais alto das torres das suas soberbas sem fazer esforço algum, pois tudo é aliviado e simples para os deuses. A manve divina, assentada nas alturas do céu, lava adiante dali toda os seus desígnios, sem mover-se de seu trono de glória.

ANTÍSTROFE V

Assim, pois, desde a altura, estende um olhar sobre a inocência dos homens. Vê aquelas arrevidos noções, como se excitam no lascivo apetite de minhas bodas, como os sega e enlouquece o aquilhão do seu furioso e desenfreado desejo, que não os deixa em momento algum. Tanto mais agora que descobriam que foram burlados no seu mau intento.

ESTROFE VI

Bie aí a causa dos meus males, as penas que me afligem e me provocam esses agudos gemidos, e a varter-me em lágrimas! Ai, ai de mim! Ainda viva estou me celebrando com estes prantos funerários que tão bem assentam à minha dor. Ó montanhosa terra da Argólida, sê-me propícia - eu te adoro! Cuve com benignidade minha língua bárbara. Olha como me atiro a transformar em ferrapos estes linhos que me cobrem e este véu de Sidon, que me cobre a cabeça.

ANTÍSTROFE VI

Nos dias de fortuna, quando a morte se afasta de nós, oferecem-se aos deuses sacrifícios em ação de graças por suas bondades. Porém, ai de mim! ai, triste de mim! que meus males não têm fim! Aonde me arrastará o mal dos meus infertúncos? Ó montanhosa terra da Argólida, sê-me propícia - eu te adoro! Cuve com benignidade minha língua bárbara. Olha como me atiro a transformar em ferrapos estes linhos que me cobrem e este véu de Sidon, que me cobre a cabeça.

ESTROFE VII

É ben verdade que o leñoso edificio arzado de velas e remos me defendeu das ondas e favorecido pelos ventos me trouxe até aqui, sem ter passado pelos horrores da borrasca. Não me queixarei, pois, da minha sorte. Porém queira o pai onívidente mostrar-se propício até o fim. Para que esta numerosa descendência de mim, veneranda mãe possa fugir, ai de mim! de

IMPROBIO
ATÉ 18 ANOS



leito de tais esposas como aquêles, e livres se mantenham, e donzelas!

A N T Í S T R O P E V I I

Casta filha de Zeus, tu, cujo sereno olhar não há poder que turbe, olha-nos piedosamente e defende-nos daqueles que nos perseguem. Virgem, sê o amparo destas, para que esta numerosa descendência de uma veneranda mãe, possa fugir, ai de mim! do leito de tais esposas como aquêles, e livres se mantenham, e donzelas!

E S T R O P E V I I I

Pois, se não encontramos amparo nos deuses do Olimpo, em laços nos penduraremos e, mortas, iremos àquelas negras profundezas, àqueles cárceres onde o raio precipitou os filhos da Terra e nos prostraremos ante o Zeus dos mortos, hóspede que a ninguém repudia, apresentando-lhe nossos ramos de suplicantes. Ai, Zeus! ai, cólera divina, perseguidora de Io! Reconhece nos meus males o furor daquela espôsa sagrada que é dona dos céus, pois é muito poderoso o vento que desencadeou esta tormenta.

A N T Í S T R O P E V I I I I

Graves palavras teria que sofrer Zeus, indignas de sua nejestade, se menosprezando as filhas da bezerrinha, depois de ter sido o seu primeiro pai, afastasse agora os olhos das nossas súplicas. Ouve das alturas onde habitas, esta voz que te implora! Ai, Zeus! Ai, cólera divina que perseguiste a Io! Reconhece em meus males o furor daquela espôsa sagrada que é dona dos céus, pois é muito poderoso o vento que desencadeou esta tormenta.

E P I S Ó D I O I
D Æ N A O

Procedamos com prudência, filhas. A experiência do vosso velho pai foi o piloto fiel que vos encaminhou até aqui. Já que estamos em terra, vos recomendo que sejais prudentes e graveis minhas palavras na memória. Estou vendo uma nuvem de pó, muda mensageira de um exército. Ouço o guincho das rodas que gritantes giram sobre os eixos e diviso a multidão dos infantes armados de escudos e lanças que se agitam, e corcéis e redondos carros de guerra. Porventura serão os príncipes da comarca, que, avisados da nossa chegada, vêm a nós testemunhá-la com seus próprios olhos. Venham em paz ou nova a essa gente alguma intenção cruel e irada, melhor será, ó filhas, que nos refugiemos nessa colina consagrada aos deuses públicos dêste povo. Um altar vale mais que uma torre: é um escudo impenetrável. Eis, pois, ide prontamente! Agora! Mostrai, reverentes em vossas mãos, êsses ramos suplicantes, revestidos de alva lã, alegria do venerando Zeus. E acô vossos hóspedes respondei-lhes o que houver que responder, com modéstia e em tom que os mova a lástima; enfim, como convém aos que recém-chegam a solo estranho. Explicai-lhes bem que vossa fuga não foi por sangue algum que tivés-



D I A L O

Rendei culto a todos os deuses que têm aqui um altar comum. Acclinei-vos no lugar santo, bando de pombas perseguidas pelos voadores gaviões, por inimigos incestuosos, afronta de sua própria raça. Ave que devora outra ave, como ficará pura? Como ficará puro aquêles que força a uma virgem, e apesar dela e de seu pai, a desposa? Quem tal fizesse, nem depois de morto e habitante do inferno, escaparia ao castigo de sua temerária culpa. Sabido é que ali há outro Zeus que julga sem apelação os delitos dos que porreram. Considerai bem o que vos digo e respondei assim para, que alcanceis êxito neste transe.

(Entra o REI Pelasgo com Acompanhamento de guardas).

R E I

De onde poderemos dizer que sois, estrangeiras, que assim vindes tão luxuosamente adereçadas com essas túnicas e êsses véus de estilo bárbaro? Porque êste não é o traje de Argos, nem de nenhum outro dos povos da Hélade. Como vos haveis resolvido chegar com intrépida resolução a esta comarca, sem mensageiros que vos anunciem nem hóspedes que vos amparem, nem quias que vos encaminhem? - coisa que verdadeiramente assombra. Vejo junto a vós ramos de suplicantes depositados nas aras dos deuses da nossa cidade; sois, pois, suplicantes e só isto a Grécia afirmaria que compreendeu. Em tudo o mais, porém, se poderiam com razão fazer muitas conjecturas se eu não tivesse vindo até aqui e vós não tivésseis palavras que explicassem tôda a vossa história.

C Ô R O

Bem falaste acêrca do meu traje. Porém, antes do mais, estou falando com algum cidadão, com algum sacerdote guardião do templo ou com o cabeça da cidade?

R E I

A êsse respeito, descuida; e responde às minhas perguntas: explica-te sem temor algum. Porque eu sou Pelasgo, rei desta comarca, filho de Palecton desta terra. O povo que possui esta terra e colhe seus frutos são os Pelasgos que, como é justo, tomam o seu nome de mim, que os governo. Domino tôda a região que o sagrado Estrimon atravessa no ponte e encerro dentro de minhas fronteiras as terras dos Perrebos, e as que há além do Pindo, vizinhas dos Peômios e os montes de Dodona. Pelo outro lado tenho por limites as águas do mar. Tais são os meus domínios. Desde muita antiguidade se chama a êste solo comarca de Ápis, em honra do médico Ápis, filho de Apolo, a um tempo médico e profeta, o qual desde a oposta praia de Naupacto veio até aqui e limpou nossos campos daquelas feras que devoravam os homens, e que os haviam expulso desta terra manchada de antigos delitos; e que também expulsou as bêstas e a multidão de dragões, que nos faziam temível vizinhança. E porque Ápis com seus remédios nos livrou de nossos males, e exterminou os monstros, mereceu dos Argivos o tributo de louvor, e que sempre em nossas preces lhe

façamos reverência à memória. Já que sabes de mim que eu, a tua linhagem e prosseguir a tua história, mas te advirto que esta cidade não atende a discursos prolixos.

C Ô R O

Breve e clara será a resposta. Nós nos gloriamos de ser da raça argiva, do sangue daquela bezerrinha que teve nobilíssimo filho. Esta é a verdade que estou pronta a provar cabalmente.

R E I

Oh! estrangeiras! não posso crer o que dizeis, ao afirmar que sois de nossa raça argiva. Tendes toda a aparência de mulheres da Líbia, mas de modo algum do nosso país. O Nilo deve ter sido quem criou tal planta. Tendes toda a configuração, o sêlo e o molde que às suas mulheres imprimem os maridos ciprios. Também ouvi que os índios nômades, que vivem vizinhos aos Etíopes, valem-se de camelos, que lhes servem a um tempo de cavalgaduras e bestas de carga. E se fôsseis armadas de arcos de certo eu as tomaria por aquelas Amazonas, que, dizem, vivem sem maridos e se alimentam de carne crua. Porém vós de tudo me inteirareis. Só assim poderei saber como podereis ser de sangue e procedência argiva.

C Ô R O

Conta-se que Io, que outrora custodiou o templo de Hera, nasceu neste solo de Argos, aquela da qual tantas vezes haverás ouvido....

R E I

Que mortal como ela era, Zeus procurou seus favores. Não é assim?

C Ô R O

Sim, e desde logo sua ação foi furtiva à vigilância de Hera.

R E I

E, depois, que fim teve a enciumada briga do Rei e da Rainha do Olimpo?

C Ô R O

A deusa de Argos metamorfoseou-a mortal em bezerrinha.

R E I

E feita bezerrinha, cingida de cornos a sua testa, ela ainda se achegou a Zeus?

C Ô R O

Sim. Dizem que tomando a forma de um touro no cio.

R E I

Que fez então a severa esposa de Zeus?

C Ô R O

Pôs guarda à bezerrinha, de modo que tudo visse.

R E I

E esse pastor onividente, posto para guardar uma só vaquinha, quem era?

C Ô R O

Argos, filho da Terra, que foi morto por Hermes.



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



R E I

Que outra disposição tomou Hera contra a pobre bezerrinha?

C Ô R O

Essa môtca zumbidora que pica os deois e os espanta, a qual chamam berne, nas ribeiras do Nilo.

R E I

E foi perseguindo-a desde a sua pátria durante uma longa jornada?...

C Ô R O

Exatamente, era isso mesmo que eu ia dizer.

R E I

E chegou a Canopo e até Mênfis.

C Ô R O

E Zeus somente ao toque de sua mão a xêz mãe.

R E I

Quem pôde chamar-se filho de Zeus e de uma bezerrinha?

C Ô R O

Épafô, assim chamado, em razão do preço pelo qual sua mãe se livrou dos seus trabalhos.

R E I

.....

C Ô R O

Líbia, possuidora de imensa porção de terra.

R E I

E ela que descendência teve?

C Ô R O

Belo, que teve dois filhos, um dos quais foi o pai de meu pai que aqui vês.

R E I

Dizei-me o nome dêste venerável mortal.

C Ô R O

Dânao, e seu irmão é pai de cinquenta filhos.

R E I

Dizei-me também o seu nome.

C Ô R O

Egito. E já que conheces minha linhagem age comigo de modo que tires do seu miserável infortúnio esta família argiva hoje perseguida.

R E I

Já vejo que a vossa linhagem procede desta terra. É certo. Mas como cusastes deixar a vossa pátria? Que golpes do destino vos sobreveio?

C Ô R O

Rei dos Pelasgos, muitos e vários são os males dos homens. Oxalá jamais vejas as asas do infortúnio para ti estendidas! Quem poderia ter jamais imaginado esta fuga inesperada, nem que haveríamos de arribar a esta terra de Argos, de onde somos originárias, para escapar de nefandas bodas!



R E I

Que pedis aí prostradas diante dos deuses da nossa cidade? E por que
esses verdes ramos de suplicantes, ornados de alva lã?

C Ô R O

É para não me ver escrava dos filhos de Egito.

R E I

Por acaso os odiais, ou fugis de cometer um crime?

C Ô R O

? Quem há de querer comprar com seu dote um parente para depois servi-lo?

R E I

Assim se aumente entre os mortais o lustre e a fortuna de uma casa.

C Ô R O

Pelo menos é assim que se remedeiam os que não são bem dotados.

R E I

Enfim que hei eu de fazer em favor vosso para satisfazer a amizade?

C Ô R O

Se os filhos de Egito nos reclamam, não entregar-nos a eles.

R E I

Grave é o que dizeis. Poderá provocar uma guerra.

C Ô R O

Porém a Justiça sustentará os meus defensores.

R E I

Certo, se de imediato ela estêve com a vossa causa.

C Ô R O

(assinalando o altar) - Teme a esta parte da cidade que nossos ramos
coroam.

R E I

Tremo ao ver esses ramos dando sombra aos altares dos nossos deuses.

C Ô R O

Temível é na verdade a ira de Zeus, do deus que vela pelos suplicantes.

E S T R O F E I

C Ô R O

Filho de Palecton, rei dos Pelasgos, ouve-me com benevolência. Olha-me
prostrada ante ti, fugitiva e errante, como novilha perseguida pelo lobo,
que sobe às penedias, e dali avisa com seus mugidos ao pastor do perigo em
que se acha, esperando pelo seu socorro.

R E I

Bem vejo tôdas estas delicadas donzelas, abrigadas à sombra d'esses
verdes ramos com os quais imploram proteção em nome dos nossos deuses tu-
telares. Oxalá seja sem dano para nós a vinda destas filhas de Argos que
hoje nos pedem hospitalidade. E este sucesso inesperado não nos traga guerra
alguma imprevista. Agora, tais aventuras, Argos bem as dispensa!

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



A N T Í S T R O F E I

C Ó R O

Volte a mim seus olhos a deusa Têmis, patroa dos suplicantes e filha de Zeus, distribuidor de todos os bens; proteja minha fuga que nenhum crime manchou. E tu, ancião, ouve os avisos de uma terna donzela. Sê piedoso com as que te suplicam e não padecerás contrariedades da fortuna, pois sempre foi grata aos deuses a oferenda de um coração puro.....

R E I

Não foi no meu lar, onde vos amparastes suplicando, não. Se aqui houver sacrilégios, toda a cidade será atingida, e é a todo o povo que incumbe procurar o remédio. Eu não posso fazer promessa alguma sem comunicar-me antes com todos os cidadãos.

E S T R O F E II

C Ó R O

Tu és a cidade. Tu és o povo. Tu és o sumo juiz a quem ninguém julga. E imperas no altar, lar comum da pátria. Basta teu voto, um simples aceno teu, que tudo decides do alto do teu trono, onde não há outro cetro que o teu. Cuidado, guarda-te de um sacrilégio!

R E I

Recaia o sacrilégio sobre os meus inimigos! Não posso dar-vos auxílio sem dano para mim, nem desprezar vossas súplicas sem ferir o sobre-humano. Não sei que fazer, não sei que partido tomar. E a alma se enche de temor, queira eu conceder-vos o que pedis, queira negá-lo.

A N T Í S T R O F E III

C Ó R O

Pensa naquele que desde as alturas está velando por nós, naquele guardião dos mortais atribulados que acodem aos seus próximos e não conseguem ser ouvidos nas suas justas súplicas. Nada há que aplaque a cólera de Zeus, protetor dos suplicantes quando ela é acesa pelos lamentos do que padece.

R E I

Mas se os filhos de Egito alegam direito sobre ti, segundo as leis do seu povo, baseados no teu próximo parentesco. Quem poderá opor-se à sua demanda? Será necessário que oponhas exceções às leis de Egito, provando que de acordo com elas, não têm sobre ti autoridade alguma.

E S T R O F E III

C Ó R O

Jamais me veja em mãos desses homens! Para fugir destas abomináveis núpcias aventurei-me nesta longa travessia, e me coloquei à mercê das estrelas do céu, que me guiaram. Toma, portanto, como aliada a Justiça e decreta como pede a piedade que se deve aos deuses.

R E I

A causa não é tão fácil de julgar. Não me tomes por juiz. Já disse antes que eu nada posso fazer sem ouvir o povo. Ainda que eu tivesse tal



poder não quisesse eu que o povo pudesse dizer - se sofrêssemos um desastre que para favorecer a uns estrangeiros levastes Argos à perdição.

A N T Í S T R O F E III

C Ó R O

Zeus é o juiz desta pendência entre mim e meus parentes. Zeus, que se inclina sempre pela Justiça, e a cada um dá o que merece, castigo aos iníquos, e prêmio aos justos. Sendo a balança igual para todos, que mal temes que te possa advir por fazer justiça?

R E I

Este assunto pede profunda reflexão. Tal como o mergulhador que desce ao fundo do abismo eu preciso de olho perspicaz e nada perturbado de embriaguez, para que estas coisas tenham um remate feliz, sem dano para a cidade nem para nós. Não quero que as reclamações dos egípcios nos tragam uma guerra; mas tampouco desejo entregar-vos, já que haveis procurado asilo nas aras dos nossos deuses, pois o tremendo castigo daquele deus vingador, hóspede terrível, que não se aparta do culpado nem na morte, mas antes persegue até no próprio seio do inferno. Parece-vos que não preciso considerar tudo para chegar a uma boa resolução?

E S T R O F E I

C Ó R O

Zela solícito por nós; sê nosso piedoso patrono, como é justo. Não atrações uma fugitiva a quem uma sacrílega violência expulsou de terras tão distantes.

A N T Í S T R O F E I

Oh! tu, senhor absoluto desta comarca não queiras verme arrancada dos altares de todos êstes deuses sob cuja sombra procurei asilo. Reconhece a insolência daqueles homens, e guarda-te da cólera do céu.

E S T R O F E II

Não permitas que diante de teus olhos esta suplicante seja arrancada dos pés dêstes divinos ídolos - com agravo da Justiça - e que me levem como uma égua puxada pelas fitas que me adornam a testa e pelos véus que me cobrem.

A N T Í S T R O F E II

Uma coisa tenhas por certo: segundo agires assim te aguardará a recompensa a ti, a teus filhos e à tua casa. Tais são os justos juízos de Zeus. Pensa-o bem.

R E I

Já está considerado: aqui se encontram todos os meus pensamentos: ou pelejar com os filhos de Egito, ou pelejar com os deuses. Forçosa é uma coisa ou a outra: não há alternativa. Já está a nave gravada e querrenada a roda sôbre os rodilhos. Para onde me vire me encontro com o mal. Pode aquêle que perdeu sua casa e sua fazenda levantar maior fortuna que antes possuía e acrescentar grandes riquezas, se assim o dispuser Zeus, o dispensador de todo o bem. As feridas que uma língua indiscreta abre na alma,



ela mesma pode curá-las, pois uma palavra pode ser o bálsamo para a palavra. Mas que se derrame o sangue dos nossos... calamidade como essa não é necessário que suceda. Façamos esplêndidos sacrifícios, ofereçamos aos deuses mil vítimas, que este é o remédio seguro contra os males. Quiçá me engane por completo em torno desta contenda, porém prefiro ser aguacureiro ignorante a ser sábio previsor de desditas. Oxalá, contra o meu juízo, tenhamos feliz sucesso!

C Ó R O

Ouve uma palavra como o fim de tantas súplicas.

R E I

Até agora tenho ouvido. Podes falar, não desatenderei ao que digas.

C Ó R O

Repara nestes cintos com os quais prendo minha túnica à cintura.

R E I

São adequados enfeites femininos, certamente.

C Ó R O

Pois entende que êles serão excelente recurso.

R E I

Explica-te! Que queres dizer com isso?

C Ó R O

Se não ofereces segurança a estas fugitivas....

R E I

Para que te servirá então o recurso dessas jóias?

C Ó R O

Para adernar êsses ídolos com ex-votos nunca vistos.

R E I

Tua palavra é enigmática. Fala claro.

C Ó R O

De súbito nos penduraremos nessas imagens.

R E I

O propósito que ouvi foi chicotada no meu coração.

C Ó R O

Compreendeste? Bem claramente me expressei!....

R E I

Quanto impossível! Multidão de males vêm sôbre mim como torrente que se desborda! Eis aqui neste mar sem fundo da desgraça, onde me afogo sem alcançar a margem, nem encontrar pôrto que me abrigue contra as minhas desventuras. Porque, se não concedo o que desejas, me ameaças com uma decisão cuja mancha jamais nos poderíamos limpar; e, se chego ao transe de batalhar com os filhos de Egito, teus reclamantes, diante de nossas muralhas, como não amargar-nos que, por defesa de umas mulheres, vamos ensangüentar o solo da pátria com o sangue dos seus filhos? E contudo, é forçoso temer a cólera de Zeus, patrono dos suplicantes. E não há, para os homens, nada mais formidável. Anda, ancião, tu como pai destas virgens, toma em teus braços êsses



ramos e leva-os já aos altares dos outros deuses do nosso povo, que todos os cidadãos possam saber da razão da vossa chegada. Assim não falarão contra mim, pois o povo é amigo de culpar aquele que manda. Ao ver esses ramos facilmente se encherão de piedade, e todos os Argivos se porão do vosso lado, com mais empenho e ódio aos vossos insolentes perseguidores. Não um só entre eles que não se incline a favorecer ao débil.

D Â N A O

De grande estima é para nós termos encontrado patrono tão respeitável. Porém manda que me acompanhe gente do país, que me ensinem o caminho que leva aos altares em frente aos templos onde moram os vossos deuses tutelares e assim passemos seguros pela cidade. Porque o nosso aspecto e porte não é o vosso. A raça que o Nilo cria não se parece com a das ribeiras do Ínaco. Cuidado, não seja para nós motivos de temor a excessiva confiança. Já se tem visto, por ignorância, o amigo matar ao amigo.

R E I

Guardas! Acompanhai-o. Diz bem o estrangeiro. Guiai-o aos altares e aos templos da nossa cidade. E poucas palavras com os que encontréis no caminho: ides acompanhando um estrangeiro que chegou por mar e deseja prostrar-se no santuário dos nossos deuses.

(Sai DÂNAO acompanhado de alguns guardas)

C Ô R O

Tu te dirigiste a meu pai e ele já sabe como se conduzir. Porém eu que farei? Como garantirás a minha segurança?

R E I

Deixa aí esses ramos, esse emblema da dor.

C Ô R O

Pois bem, aqui os deixo, obediente à tua palavra e autoridade.

R E I

Agora retira-te para aquele amplo bosque.

C Ô R O

E que defesa pode me oferecer um bosque profano?

R E I

Não te entregaremos, de certo, às aves de rapina.

C Ô R O

E daí, se me entregas a homens mais odiosos do que cruéis dragões?

R E I

Fale bem quem é bem tratado.

C Ô R O

Não é extraordinário que o temor que em vosso peito se alberga nos torne desagradáveis.

R E I

No entanto sempre se desconfia demais dos reis.

C Ô R O

Develve-nos tu a alegria, com as tuas palavras e com as tuas ações.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90030-025



R E I

Vosso pai não vos deixará sós por muito tempo. Eu convocarei os Argivos e tratarei de persuadir a cidade, verei como convencê-la a vosso favor. Advertirei a vosso pai do que convém dizer. Portanto esperai aqui. Elevai vossas preces aos deuses de Argos e pedi-lhes que satisfaçam vossos desejos. Eu sigo para tudo dispor. Assistam-me a Persuasão e a fortuna para conseguir bom êxito!

(Retira-se o REI com seu acompanhamento)

E S T Á S I M O I

C Ô R O

E S T R O F E I

Rei dos reis, santo dos santos, potestade altíssima, acima de todas as potestades, bem-aventurado Zeus, ouve meus votos e faz que eles sejam cumpridos. Afasta de nós aqueles homens insolentes, mostra-lhes tua justa ira, afunda nas purpúreas ondas do mar a nave fatal e seus negros remadores.

A N T Í S T R O F E I

Zela por estas mulheres, cuida da nossa antiga linhagem, descendência de uma mulher que te foi cara. Renova a memória dos teus amôres; lembra-te bem de quando tua mão acariciava a Io pela qual nos ufanamos de descender desta terra onde hoje procuramos amparo.

E S T R O F E II

Nesta terra marchamos agora pelos mesmos antigos passos de minha mãe. Aqui, nos floridos campos e nos verdes prados onde ela se apascentava, sempre sob os olhos vigilantes do pastor Argos, aqui de onde perseguida pelo berne fugiu furiosa, atravessando povos e povos. Submissa ao seu destino, passou a nado o úmido estreito e demarcou assim ambos os continentes.

A N T Í S T R O F E II

Atira-se pela Ásia, atravessa a Frígia no meio dos rebanhos abundantes e passa por Teutras, a cidade mísia, e pelos vales da Lídia e pelos montes cilícios; deixa atrás de si em rápida carreira a terra dos Panfílios, e os rios de perene correnteza, e a região da abundância, e o solo consagrado a Afrodite, liberal em douradas espigas.

E S T R O F E III

Aguçada pelo aguilhão do alado vaqueiro, chega aos feracíssimos campos de Zeus, àqueles prados que as neves fecundam quando sôbre eles se desata a cólera de Tufão - o Nilo de Saudáveis e salabérrimas linfas. Ali Io se atira fora de si sofrendo o açoite, as dores agudas que Hera furiosa lhe faz padecer.

A N T Í S T R O F E III

Os homens que habitavam a comarca naquele tempo empalideceram e começaram a tremer ao ver aquela estranha figura, aquele animal espantoso e semi-humano, metade mulher e metade bezerra: ficaram estupefados diante do prodígio. Quem foi que adoçou então as penas da errante e desventurada Io e a livrou do berne que a perseguia?



E S T R O F E IV

Zeus, o rei que reinará pelos séculos dos séculos.....
Com o seu poder incontestado, com seu divino alento, põe fim àquela violên-
cia. Io, assim que recobra a razão, sente que o rubor da honestidade lhe
assoma ao rosto e se desfaz em lágrimas considerando a sua desventura. Po-
rém já havia concebido em seu seio o fruto dos amôres divinos... Assim foi
de fato, pois logo deu à luz um filho sem mancha.

A N T Í S T R O F E IV

O qual gozou de felicidade perfeita durante tôda a sua longa vida. Daí
que tôda a terra disse a uma voz: "Vivíssima descendência! É de Zeus não há
dúvida! Pois quem poderia, senão êle, ter pôsto fim aos males causados pelo
rancor de Hera? Isto é obra de Zeus!" E nós, a descendência de Épafo, pro-
clamando-o assim, não aizemos mais que a verdade.

E S T R O F E V

Aque outro deus poderia eu invocar com mais justos títulos que àquele
pai, primeiro autor de minha linhagem, àquele poderoso senhor que apenas com
sua mão fecundou longa descendência, àquele Zeus de quem procede todo o re-
médio nos trabalhos?

A N T Í S T R O F E V

Não há nenhum poder sôbre êle. Entre grandes e pequenos, sôbre todos
reinas como senhor altíssimo. Ninguém tem assento em mais elevado trono, nem
pode alegar títulos fora do seu acatamento. Fala, e segue-se a sua obra;
imediatamente se cumpre o que a sua mente decreta.

E P I S Ó D I O II

(Entra DÂNAO)

D Â N A O

Ânimo, filhas. Nossos negócios com os Argivos vão bem. Todo o povo vo-
tou por nós.

C Ô R O

Salve! meu velho pai! que novas tão gratas me anuncias! dize, porém, o
que se decretou. Que decisão tomou a maioria do povo?

D Â N A O

Ali não houve discordância. Mas tudo correu de tal modo que senti remo-
gar minha velha alma. Os braços direitos se erigiram nos ares levantando-se
no meio do povo. Todos os Argivos a uma voz sancionavam o decreto. Podere-
mos viver aqui livres, sem que mortal algum possa reclamar-nos, gozando do
direito de asilo.

Ninguém, nem cidadão, nem estrangeiro nos arrancará dêstes lugares. As-
sinalado como infame e desterrado pelo povo será qualquer argivo que se negar
acudir em nosso socorro, se por acaso fôr necessário usar a Fôrça. Tal foi
a sentença que com sua persuasiva palavra conseguiu em nosso favor o rei dos
Argivos. "Cuidado, lhes dizia, não provoqueis ao porvir sôbre a cidade de
Argos a tremenda cólera de Zeus que protege os suplicantes. Reparai que duas
vézes os agravaríeis - como hóspedes e como cidadãos, e que isto seria uma



manifesta afronta a nossa cidade e o começo de males sem remédio". Assim que o povo ouviu este argumento, sem esperar a voz do pregoeiro, todos os Argivos levantaram as mãos, confirmando e ratificando o que a rainha dizia. Os Pelasgos se convenceram pela palavra convincente que lhes falava. Zeus consumou a obra.

C Ó R O

Eia, pois! Respondamos com votos de benção e que os Argivos nos façam. Zeus hospitaleiro atende à verdade com a qual a língua desta hóspede agradecida lhe oferece tributo de honra e louvor, para que os nossos votos alcancem cabal e felicíssimo sucesso.

E S T R O F E I

Vós também, deuses filhos de Zeus, ouvi as preces que por este povo vos dirigimos. Nunca jamais se veja presa das chamas a cidade dos Pelasgos nem ouça o bárbaro e horrendo clamor da peleja. Em outros campos procure Ares segar homens. Nunca se apiedaram de nós e nos deram voto favorável e tiveram respeito por estas suplicantes de Zeus, por este mísero rebanho.

A N T Í S T R O F E I

Não desouviram a demanda de débeis mulheres para sentenciar a favor dos seus perseguidores, mas antes consideraram aquêle vingador divino, soldador de todo o cuidado, consideraram seus castigos inevitáveis. É impossível que teto algum possa resistir ao peso da divina vingança - que é peso angustioso! - Porém respeitaram o nosso sangue, respeitaram aquelas que suplicavam em nome de Zeus santíssimo, e seus sacrifícios serão puros e aceites aos deuses.

E S T R O F E II

Saiam, pois, de minha boca, sombreada por estas coroas de oliveira, palavras de benção e felicidade. Nunca jamais a peste deixe esta cidade desamparada de seus filhos, nem guerras intestinas ensanguentem o seu solo. Viva intacta em seu talo o flor da sua juventude, sem que o amante de Afrodite, - Ares - o inimigo mortal dos homens, venha cortá-la em seu pleno viço.

A N T Í S T R O F E II

Vejam os altares dos seus deuses, sempre fumegantes, e rodeados de veneráveis anciãos, que sãbiamente a república governem. Renda o povo, sem interrupção, o culto de adoração a Zeus, altíssimo amparador da hospitalidade que com lei antiga dispõe o destino dos homens. Jamais se extinga a raça dos fiéis zeladores desta terra! Digne-se Artemis Hécate assistir ao parto de suas matronas!

E S T R O F E III

Longe daqui as discórdias civis que são a perdição dos homens e a ruína das cidades, e afugentam os coros musicais e armam o braço de Ares, feroz provocador de lágrimas e de lamentadoras vozes. Fora daqui o penoso exame das doenças, longeousem das cabeças destes cidadãos, Apolo Dico vele amorosamente por toda a juventude argiva.



ANTÍSTROFE III

Faça Zeus que em todo o tempo e estação produza a terra fecunda frutos maduros e que os rebanhos povcem o prado florescido de numerosas orias. E bem não haja que os Argos deixê de receber dos deuses! Irrompam as Musas, deusas do saber e do canto, em hinos de bênção e alegria e a cítara acompanhe os ritmos de sua boca sagrada.

ESTROFE IV

Oxalá o povo, que é soberano da cidade, guarde sem mancha nem menoscabo a honra dos seus legítimos direitos e que seus governantes previnam sempre solícitos o bem comum! Com o estrangeiro antes procurem parlamentar do que entrar em guerra, e mais queiram alegrar-te de justos que de vencidos.

ANTÍSTROFE IV

Honrem sempre os deuses tutelares da comarca com aquelas homenagens que lhes tributavam os seus antepassados. Ofereçam-lhes vítimas de bois e cooem de louros os seus altares. Assim honrarão também aos que lhe deram a vida, pois este é um dos três preceitos que estão gravados na lei da Justiça summa e perfectíssima.

DÂNÃO

Louvo êsses bons desejos, minhas filhas. Porém ouvi agora, sem vos transtornardes, a inesperada notícia que o vosso pai tem a dar-vos. Das alturas da atalaia desta colina, asilo de nossas súplicas, diviso um navio, vê-se bem claro para que eu me engane. Distingo tôda a sua estrutura e o seu velame e os parapeitos com que se cobrem os seus remadores e homens de guerra. Lá vejo a proa que segue a sua rota, virando-se para nós. Firme e obediente é o leme que na pôpa o governa. Não é nenhum a nave amiga aquela! As alvas túnicas dos marinheiros fazem contrastar o pretume de suas peles. Eis que aparecem claramente as demais embarcações: tôda a esquerda está à vista. A capitânia amainou as velas e forçando os remos se aproxima da praia. Olhai com calma. Prudência, e não vos esqueçais dêstes deuses, que é o que importa. Eu parto em procura dos defensores, que sôbre si tomem a nossa causa. Em seguida estarei de volta. Talvez venha algum heraldo ou algum dos príncipes, querendo pôr sôbre vós as mãos e querendo levar-vos, porém nada farão. Não tremais ao vê-los. Contudo, se o socorro tarda, melhor será que não vos esqueçais nunca que nestes altares está a vossa defesa. Ânimo! No fim, a seu tempo e dia, o mortal que menospreze os deuses paga a pena que merece.

ESTROFE I

CÔRO

Pai, estou tremendo! As naves se aproximam impelidas por suas ligeiras asas. Um instante mais e os teremos aqui. O pavor se apodera da minha alma - e com razão! - De que serviu a minha fuga precipitada? Morro de medo, meu pai!

DÂNÃO

Coragem, filhas! Já que os argivos decretaram a vosso favor, êles pelejarão por vós, estou certo disso.



ANTÍSTROFE I
CÓRO

Estes filhos de Egito são uma malvada talé que nunca se farta de contendas. Isto o digo a quem o sabe tanto quanto eu. Para saciar a sua insídia fizeram-se ao mar nessas negras e sólidas naves, retesadas, e aparelhadas de gente em armas.

DÃNAO

Com quem eles terão que se enfrentar também são muito numerosos e de braços endurecidos e curtidos pelo sol do Meio-dia.

ESTROFE II

CÓRO

Não me deixes só, pai, eu te suplico. Uma mulher abandonada a si mesma nada é. A coragem das batalhas não se alberga no seu coração. E eles, eles são ímpios e baixos são os seus pensamentos e não serão mais respeitosos com os altares dos deuses do que os corvos.....

DÃNAO

O que ajudará às mil maravilhas os nossos desejos, minhas filhas, pois aos deuses se tornarão tão odiosos quanto a nós.

ANTÍSTROFE II

CÓRO

Nem por temor a êsses tridentes, nem por temor à majestade destas imagens deixarão de se apossar de nós, pai; pois são demasiadamente soberbos e ímpios êsses cães raivosos e desavergonhados - e se farão surdos à voz dos deuses.

DÃNAO

Porém é sabido que os lôncoes podem mais que os cães. O fruto do papiro não se avanta a da espiga.

CÓRO

Contudo, cuidemo-nos do seu poder, que encerra em seu peito toda a raiva e crueldade das béstas ferozes.

DÃNAO

Não é manobra tão rápida a chegada e o desembarque de uma armada. Nem todos os fundeadouros ficam à mão, nem em todos os lugares podem ser amarrados os cabos sem maior perigo, nem de boas a primeiras se fia um bom patrão para lançar âncoras, e tanto mais quando se aborda a terra onde não há portos. Ao pôr-sol o sol e ao chegar a noite, o timoneiro mais experimentado sempre se toma dos temores mais vivos, ainda que não haja vento e o mar durma em serena calma. Antes de encontrar um fundeadouro cómodo, onde a armada possa confiar-se a gente do mar não faria desembarque assegurado. Vê tudo que o terror não te faça esquecer dos deuses, e pede-lhes auxílio. Vou rapidamente avisar à cidade. Não me desatenderá, porque, velho como seu, minha língua e meu coração são jovens ainda.

(Sai)



ESTÁSIMO II
ESTROFE I
CÔRO

Ó terra montanhosa, por mim com tanta justiça venerada! Que será de nós? Onde refugiar-me nesta terra de Ápis? Haverá alguma sombria e caliginosa caverna onde nos ocultemos? Oh, pudesse eu me transformar em negra fumaça e para subir até as nuvens de Zeus e ali desmaiar ou então pudesse eu voar sem asas como o pó e desaparecer no ar!

ANTÍSTROFE I

Alento, coração! Tem forças para fugir daqui? Porém, ai de mim, que meu coração só as tem para palpar, coberto pelas negras sombras do espanto! Estes lugares onde meu pai viu minha salvação serão minha ruína. Morro de terror! Passemos ao pescoço um laço e tiremo-nos a vida, antes que nos alcancem as mãos desses homens abomináveis. Antes mortas e submetidas ao império sombrio de Dales!

ESTROFE II

Quem me dera um lugar naqueles etéreos espaços onde a neve se engendra nas aquosas nuvens ou o estreito cimo do altivo, áspero e talhado rochedo, que se perde nas alturas, solitário, até às abras inacessível, morada somente de abutres! Pelo menos me asseguraria queda mortal, antes de sofrer as cruéis núpcias que o meu coração rechaza.

ANTÍSTROFE II

Seja eu, pois, o pasto dos cães e das aves desta terra, não posso negar: o morrer livra de lágrimas e males. Venha antes a morte que a consumação dessas bodas! Onde encontrar o caminho que delas me liberte?

ESTROFE III

Alça até ao céu a tua triste voz, irrompe em doloridas letanias que te alcancem dos deuses auxílio e remédio para as tuas penas! Pai celestial, tu, cujos severos olhos aborrecem a iniquidade, olha a bárbara opressão de que sou vítima! Sê benigno com os teus suplicantes, soberano senhor da terra, Zeus onipotente!

ANTÍSTROFE III

Porque os filhos de Egito com insólenta intolerância correm atrás de mim, e me perseguem e me acoessam com grandes vozes, tentando conseguir-me nem que para isso tenham que usar da força. Acima de tudo está o fiel da tua balança. Sem ti que coisa podem os mortais?!

EPI S Ó D I O III

CÔRO

Oh! oh! oh! Ah! ah! ah! Nosso raptor já deixou a nave e saltou em terra! Oxalá morras aos meus olhos antes de chegar até aqui, raptor iníquo! Socorro, socorro! Por todos os lados se ouvem os meus gritos de terror e angústia! As primícias dos males e violências que me aguardam já os vejo. Logo, logo, vinde favorecer nossa fuga! Por terra e por mar ressoam os brutais e odiosos alaridos da lascívia dos nossos perseguidores, desejosa de se satisfazer. Protege-nos, senhor do universo!

(Entra um HERALDO egípcio com acompanhamento de soldados)

HERALDO

Correndo, correndo às naves, ligeiro!

CÔRO

Bem, aqui nos tendes! Feri-nos o rosto, maltratai-nos, cortai-nos a cabeça, derramai todo o nosso sangue!

HERALDO

Corre, infeliz, corre para a nave! Vem comigo pelo mar espaçoso onde se agitam as salgadas ondas. Cede finalmente ao desejo de teu senhor e ao poder da sua férrea lança. Banhada em sangue te atirarei no navio. Ali estendida no fundo poderás gritar quanto quiser. Cede, ainda que te pese, cede a tua obstinada loucura, eu comando!

CÔRO

Ai, ai de mim!

HERALDO

Deixa êstes altares e vai para o navio. Vem adorar os deuses que o nosso povo adora.

CÔRO

Nunca mais volte eu a pôr os meus olhos no antigo rio, o rio das enchentes fecundas e das águas vivificantes que vigorizam o sangue dos homens! Minha pátria, a pátria, minha antiga e sagrada pátria, é a terra onde se levantam os altares dêstes deuses.

HERALDO

Quebras ou não, à nave irás, à nave e logo! Sucumbirás à força, à força do teu senhor, que é piedoso. E depois de teres recebido mil ultrajes de suas mãos cruéis, terás que aceitar o seu leite.

ESTROFE I

CÔRO

Ai, ai! Oxalá tivesses perecido miseravelmente ao cruzar a móvel selva dos mares, jogados por sôlta borrasca contra o arenoso promontório de Sargedon.

HERALDO

Grita, vocifera, chama pelos deuses. Não escaparás à nave egípcia. Grita, clama, podes queixar-te da tua miséria com maiores amargura ainda.

ANTÍSTROFE I

CÔRO

Ai, céus! Pereças tu nestas costas, aos gritos e latidos, tu que tão jactancioso nos escarneces! Que o caudaloso Nilo que te criou te faça desaparecer a ti, insolente, e a tua insolência!

HERALDO

Andai, vos digo. A nave já se balança nas ondas. Logo, nada de demora e assim não sereis arrastadas pelos cabelos.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



E S T R O F E II
C Ô R O

Ai, ai, meu Pai celestial! Procurei a minha defesa nestes altares e encontrei a minha perdição! Já me arrastam para o mar. Já me cercam, já vem se achegando a mim, como a aranha à sua presa. Parece um pesadelo!... Sonho negro e espantoso. Socorro! Socorro! Terra-mãe, Terra-mãe, afasta de mim estes gritos furiosos que me enchem de espanto! Ó rei, filho da Terra! Ó Zeus!

H E R A L D O

Não temo os deuses deste povo, nem foram eles que me criaram desde a infância, nem tampouco me sustentarão na velhice.

A N T Í S T R O F E II
C Ô R O

Perto de mim bípede serpente se retorce furiosa. É uma víbora que vai me prender entre seus dentes! Socorro, Socorro! Terra-mãe, Terra-mãe, afasta de mim estes gritos que me enchem de espanto! Ó Rei, filho da Terra! Ó Zeus!

H E R A L D O

Se não vindes à nave, se não me obedecéis, não me detenho ante os vossos vestidos - os farei em pedaços!

E S T R O F E III
C Ô R O

Vinde, Príncipes que velais sobre a cidade, que me roubam!

H E R A L D O

Chamais príncipes que vos socorram? Em breve verei aqui não um só mas muitos: todos os filhos de Egito. Per dei cuidado que não vos queixareis por falta de senhores.

A N T Í S T R O F E III
C Ô R O

Estamos perdidas! - Ó Rei, que violência nunca vista!

H E R A L D O

Parece-me que arrastando pelos cabelos vos levarei, já que não atendem às minhas razões.

(Entra o REI com acompanhamento)

R E I

Ei, tu! Que estás fazendo aí? Que arrogância é essa com que ultrajas esta terra, a terra pelágica? Pensas que porventura chegaste a uma cidade de mulheres? Para ser bárbaro alardeias demais como a Gregos. Teu atentado é grave, Com certeza perdeste o juízo.

H E R A L D O

Então qual é o meu erro e onde me aparto da justiça?

R E I

Em primeiro lugar, por seres estrangeiro, não sabes o que é a hospitalidade.

H E R A L D O

Como não? Encontrei o que perdi e o recobro.



R E I

É a qual dos patronos que a cidade tem para proteger, os estrangeiros reclamastes tu?

H E R A L D O

A Hermes, máximo dos estrangeiros e advogado das coisas perdidas.

R E I

Falas de invocar os deuses e não tens para com eles nenhuma reverência!

H E R A L D O

Eu venero os deuses do Nilo.

R E I

No teu dizer, os deuses não são nada?

H E R A L D O

A não ser que pela força mas tomais, tu os há de lavar.

R E I

É certo que vos arrependeis se as tocais. E não demora.

H E R A L D O

Nada têm de hospitaleiras as tuas palestras!

R E I

Eu não dou jamais hospitalidade àquelas que ultrajam os deuses.

H E R A L D O

Dirias tu isto aos filhos de Egito?

R E I

E isso que cuidado me dá?

H E R A L D O

Porém enfim, para que eu possa saber e comunicá-lo melhor, como convém a um Heraldo que deve relatar fiel e exatamente, quem és tu. Quem, Inca, direi, que tomou as suas primas-irmãs? Asseguro-vos que Áres não terá testemunhas para dirimir esta contenda, nem admitirá composição, porém antes que sentencie, muitos homens cairão, muitas vidas se perderão entre agônias espantosas!

R E I

Para que dizer-te meu nome? Em breve o aprenderás, tu, e os que vêm contigo. Se estas donzelas o querem assim e este é o desejo de sua ceração, se com brandos e comedidos argumentos as persuades, podem levá-las, mas à força não te serão entregues. Assim o proclamou e ratificou a cidade de Argos, por voto unânime. E o decreto está bem gravado, de tal modo que ninguém é suficientemente poderoso para demorá-lo. Não o gravamos em tábuas, nem o referendamos e confirmamos nas voltas de um papiro, porém quem o diz é a boca de um homem livre. Desaparece quanto antes da minha vista!

H E R A L D O

Sabei-o pois: logo tereis a guerra. Seja a vitória e a dominação dos que sejam homens!

R E I

Aqui nos cidadãos de Argos encontrareis homens, que não são de vidro de cevada.

(Sai < HERALDO)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Vós, cobrai ânimo, e acompanhadas pelas vossas servas fiéis dirigi-vos tôdas para a cidade: está bem guarnecida de muros e fortificada de tôrres de sólido cimento. Ali encontrareis muitos edifícios públicos para oferecer-vos e ainda a minha casa, que não foi lavrada com mão mesquinha e encolhida. É grande alegria habitar em casa bem disposta e com numerosa companhia. Porém se vos agrada mais viver sós, podeis assim fazê-lo. Está tudo preparado, escolhei, pois, como melhor vos parecer. Estou aqui para defender-vos e comigo todos os cidadãos, todos, que por voto unânime se empenharam nesta empresa. Podes tu esperar melhor fiança?

C Ô R O

Em verdade, não! Antes sejas, divino rei dos Pelasgos, cumulado de bens como prêmio do bem que nos fazes! Porém digna-te trazer aqui o nosso animoso pai, Dãnao, nosso guia e conselheiro. Seu conselho há de resolver que casa nos convém habitar, e onde deve ser o nosso lugar. Tratando-se de estrangeiros, cada qual se apressa em murmurar. Sigamos o partido mais prudente.

R E I

Vós sereis recebidas na cidade com o aplauso de todo o povo e ninguém vos ofenderá, nem terá pata vós mais do que palavras de elogio. Servas fiéis, marchai em sua companhia e cada qual com o serviço para o qual Dãnao a destinou.

(Sai o Rei)

(Entra DÃNAO)

D Ã N A O

Devemos bendizer os Argivos, minhas filhas, ofereçamos-lhes sacrificios e libações como aos deuses do Olimpo, porque todos êles sem exceção acabam de nos salvar. Com muita atenção e sobremodo indignados ouviram da minha própria boca o que nos sucedeu e imediatamente ordenaram que me escoltassem êstes guardas armados que me fazem honra e me defendem de algum golpe aleivoado e inesperado que me pudesse trazer a morte: o que seria para êste solã mancha indelével. Depois dêstes benefícios lhes deveis ainda mais vivo agradecimento e reverência do que a mim. Gravai agora na vossa mente esta máxima junto aos demais conselhos que vos deu a prudência do vosso pai: o tempo prova o que são e o que valem os desconhecidos. Quando o estrangeiro se avizinha entre nós, todos nos adiantamos em murmurar, e a língua é rápida paradiminuí-lê e exercitar-se à sua custa. Encareço-vos pois que trateis de não me envergonhar, porque estais nesse verdor da mocidade que tanto atrai os olhares dos homens. Fruta madura nunca foi boa de se guardar - todos a querem arrebatam, homens e feras, as aves daninhas que sulcam os ares e os animais que pelo chão se arrastam. É como não? Cípris convida em voz alta a colher o fruto sazonado e marcha a sua louçania e não deixa viver a flor. Qualquer varão que passe junto a uma donzela se sente vencido pelo desejo e lança sôbre os encantos da sua formosura o dardo do se olhar amoroso. Vigiai para que não vejamos menoscabada a nossa honra que tantos trabalhos nos custou vencer, e pela qual tantos e dilatados mares tivemos que percorrer, que qualquer deslize seria como trabalhar em nossa própria



afrenta e ao contento dos nossos inimigos. Quanto à habitação onde nos alojemos, duas há - a de Pelasgo e a que a cidade nos oferece, e ambas plenamente francas, assunto, portanto, que não nos preocupa. Só recomendo que guardéis as advertências de vosso pai e considereis a honestidade em mais do que a vida.

C Ó R O

Queiram os deuses nos favorecer em tudo o mais, porque quanto à minha integridade não tendes maiores cuidados, pai, que, a não determinarem outra coisa os deuses, não se apartará o meu passo e o meu coração do caminho que já tomou.

É X O D O

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90070-025

E S T R O F E I

P R I M E I R O S E M I C O R O

Marchai, celebrai com jubilosos cânticos os bem-aventurados deuses, senhores e patronos da cidade, e os que habitam as ribeiras do antigo Erásino.

S E G U N D O S E M I C O R O

Responded aos meus cânticos oh! vós, que me acompanhais! Gloria e louvor à cidade dos Pelasgos! Já não mais celebrar com hinos as águas do Nilo!

A N T Í S T R O F E I

P R I M E I R O S E M I C O R O

Mas sim os rios que estendem os seus múltiplos braços por esta região e com as suas saborosas e fecundantes águas alegrem e sustentam a campina.

S E G U N D O S E M I C O R O

Olhe com piedade a casta de Ártemis por estas mulheres fugitivas. Que Citere não nos imponha os seus laços pela força - tormento abominável!

E S T R O F E I I

P R I M E I R O S E M I C O R O

Cépris, tampouco te esqueço nos meus piedosos cultos. Teu poder com o de Hera iguada quase ao de Zeus. Teus golpes, ó astuta deusa, são temidos pelos mortais, e assim procurar ganhar teus favores com homenagens reverentes.

S E G U N D O S E M I C O R O

Sempre a acompanham, como sua querida mãe, o Desejo e a branda Persuasão, a quem ninguém resiste, e aquela Harmonia, à qual deu por fortuna Afrodite os suaves requêmbros dos amôres.

A N T Í S T R O F E I I

P R I M E I R O S E M I C O R O

Porém, ai, que muito temo a tormenta que se levantará com a minha fuga; os ferozes males e as sangrentas batalhas que hão de sobrevir. Por que fizeram tão feliz navegação nossos ativos e tenazes perseguidores?

SEGUNDO SEMICORO

Compram-se os decretos do Destino. Ninguém pode escapar aos designos altíssimos e insondáveis de Zeus. Quem sabe se como tantas outras mulheres terminemos nós também por contrair um laço de desgosto!

ESTROFE III

PRIMEIRO SEMICORO

Ó grande Zeus, apartai de mim as bodas com os filhos de Egito!

SEGUNDO SEMICORO

Seria isso o maior dos bens! Mas quem sabe tentas demover a um deus inexorável.

ANTÍSTROFE III

PRIMEIRO SEMICORO

O que há de suceder tu não o sabes!

SEGUNDO SEMICORO

Para que esfôrçar-me em contemplan a mente de Zeus, a visão sem fundo? Sêde mais moderada nos teus desejos.

ESTROFE IV

PRIMEIRO SEMICORO

Por que me dás esta lição?

SEGUNDO SEMICORO

Para que não te atrevas curiosamente as coisas divinas.

ANTÍSTROFE IV

PRIMEIRO SEMICORO

Soberano Zeus, livra-nos de bodas fúnebras e abomináveis! Tu livraste a Io de seus males, acariciando-a com a mão que lhe devolveu a saúde. Ditosa força aquela que engrandrou a nossa lanchagem!

SEGUNDO SEMICORO

Dá-nos a vitória, que debsis mulheres como! Permita o céu que entre dois males padeça só o menor deles, e misturado, quiçá, de algum bem! Alcancem as minhas súplicas que a Justiça triunfe sôbre os seus inimigos, com a ajuda dos deuses!

F I M